LUMEN ET VIRTUS
ISSN: 2177-2789

ENTRE O ABSURDO E O FANTÁSTICO: O EXISTENCIALISMO NIILISTA NOS CONTOS DE S. BARRETO

BETWEEN THE ABSURD AND THE FANTASTIC: NIHILISTIC EXISTENTIALISM IN THE SHORT STORIES OF S. BARRETO

ENTRE LO ABSURDO Y LO FANTÁSTICO: EL EXISTENCIALISMO NIHILISTA EN LOS CUENTOS DE S. BARRETO

https://doi.org/10.56238/levv16n54-067

Data de submissão: 14/10/2025 **Data de publicação:** 14/11/2025

Acaiz Jairo Cordeiro da Silva
Graduando em Letras
Instituição: Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE
E-mail: acaizsilva78@gmail.com

RESUMO

O artigo em tela apresenta como objetivo principal analisar a presença da corrente filosófica existencialista nas narrativas curtas do contista brasileiro S. Barreto; destacando, em especial, como alguns de seus contos descortinam a busca por uma "(re)significação" de mundo frequentemente marcado pela predominância do "absurdo". Através da exploração dos enfrentamentos vivenciados mediante situações de angústia e desespero vivenciados, o estudo evidenciará, também, a influência do niilismo, sobretudo, na construção do corpus da narrativa s. barretiana e no desenvolvimento psicológico dos seus personagens. Como embasamento teórico serão utilizados autores como Heidegger (2005), Kierkegaard (2010), Nietzsche (2006, 2011), Sartre (1943, 1968, 2005), Schopenhauer (2000) entre outros. Assim, a produção ficcional de Barreto, ao mesclar o realismo com o fantástico, acaba revelando a forte tensão entre a condição humana e a ausência de sentido, proporcionando uma crítica ácida à sociedade atual e à vida moderna.

Palavras-chave: Existencialismo. Literatura. Contos. S. Barreto.

ABSTRACT

This article aims to analyze the presence of the existentialist philosophical current in the short narratives of the Brazilian short story writer S. Barreto, highlighting how some of his stories reveal the search for a "(re)signification" of a world often marked by the predominance of the "absurd." By exploring the confrontations faced in situations of anguish and despair, the study will also demonstrate the influence of nihilism, particularly on the construction of S. Barreto's narrative corpus and on the psychological development of his characters. The theoretical framework will include authors such as Heidegger (2005), Kierkegaard (2010), Nietzsche (2006, 2011), Sartre (1943, 1968, 2005), and Schopenhauer (2000), among others. Thus, Barreto's fictional production, by blending realism and the fantastic, reveals a strong tension between the human condition and the absence of meaning, providing a biting critique of contemporary society and modern life.

Keywords: Existentialism. Literature. Short Stories. S. Barreto.

RESUMEN
Este artículo analiza la presencia de la corriente filosófica existencialista en los cuentos del escritor brasileño S. Barreto, destacando, en particular, cómo algunos de sus relatos revelan la búsqueda de un significado (o resignificación) en un mundo frecuentemente marcado por el predominio de lo absurdo. Mediante la exploración de los desafíos experimentados en situaciones de angustia y desesperación, el estudio también resaltará la influencia del nihilismo, especialmente en la construcción del corpus narrativo de S. Barreto y en el desarrollo psicológico de sus personajes. El marco teórico se basará en autores como Heidegger (2005), Kierkegaard (2010), Nietzsche (2006, 2011), Sartre (1943, 1968, 2005) y Schopenhauer (2000), entre otros. Así, la obra de ficción de Barreto, al fusionar realismo y fantasía, revela la profunda tensión entre la condición humana y la falta de sentido, ofreciendo una crítica mordaz de la sociedad contemporánea y la vida moderna.

Palabras clave: Existencialismo. Literatura. Cuentos. S. Barreto.

1 INTRODUÇÃO

1.1 DA FILOSOFIA PARA A LITERATURA

Defendem alguns teóricos que a corrente existencialista filosófica despontou e ganhou musculatura, em especial, no século XX, um período notadamente marcado pelos impactos provocados pelo desenrolar da 2ª Grande Guerra Mundial. Esse fator extremo acabou impingindo a população atingida, pois, uma visão mais voltada para questões que girassem em torno do resgate da preservação das condições humanas fundamentais. Em meio a esse contexto essa nova forma de "pensar" propiciou, portanto, promover uma análise profunda acerca de temas tais como: "liberdade", "angústia", "mal-estar", "desesperança" em meio a uma busca de (re)significação em uma conjuntura desfavorável, muitas vezes, impossibilitada por um certo sentimento "absurdista" predominantemente instalado.

Nesse sentido, portanto, acrescenta ainda o pensador Jacques Colette (2009, p. 07):

> Um de seus traços principais [Existencialismo] seria a percepção do sentido do absurdo juntamente com a do sentimento trágico da vida. A experiência de uma humanidade entregue às violências mortíferas, às monstruosidades de uma guerra particularmente bárbara teria exigido dos artistas, dos escritores e dos filósofos novas inflexões, capazes de repor em questão o exercício de uma liberdade ainda a conquistar.

Dessa forma, inúmeros filósofos emergem relativizando as mais diversas relações e convenções sociais estabelecidas em meio a questionáveis adoção de "novos" valores, propondo que o indivíduo é, em última análise, responsável por criar seu próprio sentido de identidade e visão de mundo. Isso acabou por favorecer, assim, a experiência subjetiva proposta por um certo "niilismo" no qual a adoção das escolhas pessoais possui um propósito superior intrínseco perante aquilo que é imposto pela coletividade de forma geral. Nesse diapasão, assevera, portanto, João da Penha (2001, p. 07): "Tanto quanto uma doutrina filosófica, o existencialismo passou também a ser identificado como um estilo de vida, uma forma de comportamento, a designar toda atitude excêntrica, que os meios de comunicação divulgavam com estardalhaço, criando uma autêntica mitologia em torno do movimento e seus adeptos."

Por outro lado, pode-se entender que o existencialismo, mesmo frente ao "absurdo" da vida, em tempos modernos, tem como "nascimento" as bases impulsionadoras do pensamento religioso; sobretudo no que concerne ao encorajar a ação individual própria, suscitando profunda reflexões, inclusive em meios "esotéricos", "místicos" e/ou "religiosos" em busca do resgate da própria liberdade como apregoa o texto referenciado na citação a seguir. "Filosoficamente, é opinião unânime, o existencialismo moderno procede, em linha direta, da meditação religiosa do pensador dinamarquês Sören A. Kierkegaard" (Penha, 2001, p. 12).

Com efeito, tanto o *existencialismo* como o *niilismo*, embora correntes filosóficas distintas, estão profundamente interconectadas, especialmente na forma como abordam a busca por um significado existencial humano. O niilismo, em sua essência, se baseia no entendimento de que muitas

das coisas, que são compartilhadas em sociedade, não possuem, por natureza, sentido "crível", "duradouro" ou "valor humanístico superior". Muitos tendem a classificar os niilistas como meros "negadores" da coercitividade dos valores morais e crenças tradicionais em geral; levando, para alguns, a crer na noção de visão errônea e reducionista de que seus adeptos preferem adotar uma "visão pessimista" da existência pessoal como pretexto de pôr em prática uma forma escapista para a isolar-se perante as incoerências e desajustes da sociedade.

Essa perspectiva, se analisada dessa maneira enviesada, pode gerar uma sensação de *desespero* ou *apatia*, já que, sem um sentido, as ações humanas ficam equiparadas a atos e atitudes eivados de somenos importância dando-lhes mero sentido anômico.

> O niilismo filosófico é a percepção de que nada além dessas práticas sedimentadas sustentavam as crenças. Portanto, movo-me nos limites de uma história materialista. O "nada além" é a matriz do niilismo. O "nada" aqui não é uma abstração, pelo contrário, é muito concreto na sua forma de aparição ao intelecto, ao afeto, ao envelhecimento, à cultura, à política, enfim, à sociedade na sua esfera pública e privada (Pondé, 2021, p. 09).

Dessa forma, o existencialismo, embora também reconheça a falta de um significado pré-determinado nas relações sociais vigentes, propõe uma resposta à condição social atual instalada aproximando-se, dessa forma, da proposta doutrinária do niilismo. Para os existencialistas, a ausência de um propósito dado não pode ser interpretado como um simples convite ao "desespero", mas, sobretudo, uma oportunidade para que os indivíduos possam se (re)apropriar de suas liberdades de criarem seu conjunto individual de valores pessoais a serem seguido por eles próprios.

Em outro sentido, o niilismo, sobretudo o defendido pelo filósofo alemão Friedrich W. Nietzsche, pode levar a um estado de anomia social incompatível, inclusive, com o sentido de existência, sobretudo concernentes aos valores ditos "morais" conforme pontua ele mesmo nesta passagem a seguir: "[...] quase toda moral até hoje ensinada, venerada e pregada, volta-se, pelo contrário, justamente contra os instintos da vida — é uma condenação, ora secreta, ora ruidosa e insolente, desses instintos" (Nietzsche, 2006, p. 29). Assim percebe-se como Nietzsche revela sua crítica à moral tradicional, que muitas vezes oprime os instintos vitais do ser humano; sugerindo que a moralidade, ao invés de promoverem a vida, atuam como uma forma repressiva, negando a autenticidade e a liberdade individual.

Na literatura, por sua vez, o existencialismo emerge como uma manifestação artística refletindo, através da ficção, as inquietações filosóficas da época, desafiando convenções narrativas e estilísticas explorando os meandros psicológicos em sua profundidade. Obras de autores como Franz Kafka, Fyodor Dostoiévski e Albert Camus revelam a luta do indivíduo contra a alienação, a busca por significado e o enfrentamento da absurdidade da existência num mundo em constantes conflitos ideológicos e bélicos entre as nações. A narrativa existencialista, pois, terá como fundo principal

personagens em situações de “confusão”, “crise”, “medo” confrontando dilemas morais, éticos, religiosos e existenciais que refletem a angústia de viver em um mundo eivado de incertezas.

Já com relação a corrente no contexto literário o autor português António da Costa Lopes em sua obra “Existencialismo e Literatura” assevera o que se segue: “Pelo que ao existencialismo diz respeito, diremos até que ele não pode existir sem literatura, assim como também há um pouco de existencialista em todo o criador de obras literárias tal é a conexão de algumas noções que a ambos convêm” (1965, p. 05). Portanto, pode-se dizer que a literatura existencialista destaca a importância da subjetividade, permitindo que o leitor perambule pelas mentes de complexos personagens debatendo questões concernentes a questões de “liberdade”, “moralidade” e “insegurança” correlacionadas ou não ao futuro.

> A história do romance ocidental decorre paralela aos movimentos e formulações dos filósofos. Resultados como o romance chamado metafísico, existencial, neo-realista, do absurdo o do “nouveau roman” têm muito a ver com as propostas filosóficas existencialistas, marxistas, estruturalistas ou fenomenológicas (Laso, 1997, p. 209).

Embora Laso (1997) tenha citado somente o romance podemos estender a todo e qualquer tipo de ficção na prosa tais como o teatro, contos, novelas; bem como na poesia. Nenhum gênero esteve alijado de receber a influência dessa nova estética. Assim, ao refletir sobre as tensões e dilemas da experiência humana, a literatura existencialista presentes na obras de S. Barreto oferece um espaço privilegiado para a contemplação de questões fundamentais; desafiando o leitor a confrontar suas próprias convicções internas. Esse fator, de certa forma, demonstrará que as obras literárias não apenas dialogam com a filosofia existencialista, mas, também, contribuem para uma compreensão mais ampla dos mistérios da *psique* humana e dos seus significados perante o contexto social contemporâneo moderno.

2 S. BARRETO: UM “PROFETA DO ABSURDO” NACIONAL?

Estudar um autor contemporâneo e ainda mais “vivo” é sempre um desafio, pois além de envolver a complexidade de interpretar suas obras à luz de um contexto filosófico pré-determinado (o existencialismo); remete, também, a uma abordagem que levará a uma multiplicidade de interpretações, transformando, a análise pretendida repleta de nuances de modo a enriquecer a experiência acadêmica e literária. Além disso, autores que adotaram a abordagem existencialista em seus trabalhos intelectuais não é exclusivo de pensadores europeus. A América Latina, por exemplo, nomes como Jorge Luís Borges, Julio Cortázar, Carlos Fuentes, Mario Vargas Llosa, Horácio Quiroga, Gabriel García Márquez, etc. — muitos deles representantes do chamado *boom* literário latino-americano, um movimento da década de sessenta — receberam influência direta dessa corrente.

Especificamente, no Brasil não foi diferente. Diversos autores tanto na *prosa* como na *poesia* tiveram seus trabalhos fortemente marcados pela corrente analisada em questão. João Cabral de Melo Neto, Murilo Rubião, Clarice Lispector, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Sá-Carneiro, Cruz e Souza além de muitos outros são os representantes mais evidentes disso. S. Barreto[1] desponta, portanto, assim como esses outros, como "herdeiro" legítimo dessa tradição na forma de contar histórias.

Ao se tomar contato com a literatura s. barretiana percebemos que sua literatura é, dentre outras, forte resultado de suas próprias experiências. A "alienação", "exploração" e "isolamento" provocado, sobretudo, pelo sistema capitalista vigente, a sensação de "abandono", o "desamparo", a "solidão" são temas constantes na construção de seu edifício literário podendo isto ser notado logo como ressalta em uma de suas crônicas mais festejadas: "Ode à Solidão". Neste escrito, o autor explora a profundidade da solidão como um estado existencial que pode ser entendida tanto como uma "patologia mental" quanto uma fonte essencial para se alcançar o "autoconhecimento". Barreto, em sua prosa poética, apresenta a "falta" de companhia não apenas como um vazio existencial, mas como um espaço fértil onde a reflexão e a criatividade podem florescer.

> Ó digníssima Solidão, sofro horrores por te amar. Sabes que tenho de desafiar esse mundo coletivo para ti reverenciar. És cônscia de que nossa história é real, duradoura e não somente fruto de um mero acaso e do irônico destino. Não me esqueças, não me morras, não me deixes... Sabes que não passo de um "Sem Ninguém", pois não tendo nada, não tenho alguém (Barreto, 2023a, p. 54).

Ainda em tema correlato, na crônica "Amigos que não tive", escrita em 2012, assevera o seguinte:

> Entretanto, é fácil perceber, que uma pessoa, para se encher de amigos, ela tem que pagar certo preço. Preço esse, que no fundo, pelo risco que lhe é inerente, tem mais conotação de desperdício, que de investimento propriamente dito. Há, nesse jogo, mais perdas que ganhos. Daí um dos simples motivos para não dá prosseguimento as mesmas (Barreto, 2023a, p. 121).

Barreto, mediante as dificuldades familiares, teve de sair de casa em busca de novas oportunidades. Ali, se viu sozinho tendo de viver de favor, em outras ocasiões, em lugares "insalubres", muitas das vezes, correndo iminente risco de vida enfrentando constantes assaltos, atropelamentos e por fim, até a explosão de umas das quitinetes vizinha onde teve de morar. Em meio a uma realidade nada favorável, a vida intelectual e depois religiosa, foram os seus maiores escapes e forma de compreender o mundo. Em seu escrito "Revivendo" arrematou: "Ao dia preferia ficar na 'Cela da

[1] S. Barreto é, na verdade, o nome literário de Saulo Barreto Lima Fernandes. Nascido no ano de 1983 em Teresina – Piauí, de família humilde, mudou-se ainda jovem para São Luís do Maranhão tentar a vida, lugar onde, sozinho, teve de enfrentar inúmeros momentos de superação. Essa condição, mais a forte formação clássica, acabou refletindo na sua literatura tornando suas obras destacadas no cenário literário nacional através de inúmeros livros publicados além dos vários trabalhos ensaísticos publicados.

Liberdade' nome que batizei meu minúsculo quarto de 4x2 m lendo, escrevendo ou me dedicando as tarefas da faculdade" (Barreto, 2023a, p. 50).

Todo esse amálgama de situações nada favoráveis acabou refletindo na *psique* do autor uma certa noção de "desencanto" com o mundo, buscando refúgio, inclusive, no protestantismo cristão em plena ascensão na sua época; refugiando-se e buscando conforto emocional, ainda, nos livros e logo depois na escrita, atividade que passou a ser uma constante na sua vida. Suas leituras vão desde os clássicos tais como Dante, Cervantes, Homero até a Bíblia. Morando no centro histórico de São Luís, o escrito "A vida no centro", apesar dos aspectos negativos, foi compelido a extrair o lado bom em meio a condições desfavoráveis. "Nesse tempo, pude fazer bastante coisa, principalmente no tocante a minha formação cultural e humanística" (Barreto, 2023a, p. 44).

Todas essas passagens citadas estão abrigadas em seu livro de crônicas de caráter mais autobiográfico, por assim dizer, de título "Escandescências: crônicas reunidas", lançado em 2023, pela editora paulista UICLAP que, atualmente, detém a exclusividade dos direitos autorais do escritor. Ali são tratados os mais diversos assuntos: de crítica social à resenhas literárias. De relatos do cotidiano á críticas ao governo. Em "Carta aberta para a juventude", escrita em 30 de agosto de 2012, através de sua própria experiência, Barreto vê como uma forma de alertar aos jovens que, porventura, poderiam estar na mesma situação que ele seja de forma *voluntária* ou *imposta*.

> Jovens não nos entreguemos às falsas promessas, ilusões e acomodações. É preciso cavar o poço antes mesmo de sentir sede. Na idade crucial, no momento de tomar decisões, escolhamos sermos adultos mesmo que a cultura juvenil nos direcione o contrário. Escutem seus pais, ouça o que diz sua consciência. Jovem você será idoso. Pessoas a sua volta dependem de você. Sejamos o principal responsável pelas nossas vidas. Não é individualismo, é precaução. Tenhamos cabeça de adulto e espírito renovador para uma juventude duradoura (Barreto, 2023a, p. 115).

Contudo, não foram as crônicas que o catapultaram ao reconhecimento nacional, e sim sua produção ficcional através dos contos. Pode-se dizer que suas histórias aglutinam a vantagem de possuir a capacidade de criar universos complexos em poucos eixos narrativos concentrando, em seu corpo, uma unidade direta de "conflito", "trama" e "ação". No seu escrito um tanto quanto "híbrido", por não se saber qual gênero se encaixa, de nome "À Deriva", amplamente publicado, na qual um passageiro de um barco decide lançar-se nas águas por livre e espontânea vontade; é um dos exemplos mais emblemáticos da temática barretiana.

Essa característica, por sua vez, permite que o contista explore a profundidade das emoções e das experiências humanas de maneira peculiar. Ao contrário das crônicas, que muitas vezes se concentram em momentos pessoais e reflexões sobre o cotidiano, os contos mergulham no universo da ficção, onde a imaginação imersa na cabeça dos personagens não são restringidos por certas "limitações" de gênero.

> O conto é, pois, uma narrativa unívoca, univalente: constitui uma *unidade dramática*, uma *célula dramática*, visto gravitar ao redor de um só conflito, uma só drama, uma só ação. Caracteriza-se, assim, por conter *unidades de ação*, tomada esta como a sequência de atos praticados pelos protagonistas, ou de acontecimentos de que participam. A ação pode ser externa, quando as personagens se deslocam no espaço e no tempo, e interna, quando o conflito se localiza em sua mente (Massaud, 2006, p. 40, grifos originais).

Seu primeiro livro de contos fora o polêmico "Pecado Consolados" produzido em 2015 em pequena tiragem e edição econômica pela Virtual Books Editora. Seu enredo central gira em torno das tentações carnais de um jovem sacerdote recém ordenado; e já conta, assim como a maioria de suas obras, com uma segunda edição. Essa obra, apesar do autor não considerar um de seus melhores trabalhos, depois de nove anos, é relançada no ano de 2024 causando certo burburinho no tradicional meio literário por mesclar temas religiosos em meio a forte teor erótico.

Além desse, inúmeros outros livros, também, vieram a lume tais como: "Absurdidades" (2021), editado e produzido pela Editora Filos; "O Circo e Outros Contos" (2021), em uma primeira edição do autor; "Discursos Mudos" (2017), publicado em sua primeira edição pela Editora Buriti e uma "Uma Vida Perfeita e outros Contozinhos" (2019, 2024), No prelo, lançará ainda em 2025, outro livro de contos: "As Quatro Estações" onde serão publicados os contos "As Quatro Estações", "Reflexões de um garçom bom", "Descrição de um corpo morto" e, por fim, "Declaração Intergalática do Bilênio".

Decerto, inúmeras dessas narrativas podem ser analisadas sob o prima ora pretendido aqui neste — o existencialismo. Dentre eles, um dos que podemos destacar trata-se de "Uma segunda chance", um dos contos mais elogiados pela crítica literária e que figura como a história principal em seu "Absurdidades". Dividido em 24 partes, para alguns teóricos, o escrito, pela sua extensão um pouco mais pouco maior que os demais poderia ser considerado, inclusive, uma novela. Seu núcleo narrativo gira em torno da incomum aspiração do protagonista que, em idade avançada (e aqui o autor preferiu não nominá-lo), depois de ter vivido toda a vida, em seu leito de morte é "agraciado" por Deus para retornar à terra. Mas há um detalhe. Sua vontade será regressar com a mesma cabeça que tinha antes de partir, ou seja, a de um idoso. Essa passagem sinaliza como o *existencialismo* comumente recorre ao *fantástico*, de modo a melhor exprimir aquilo que o autor almeja repassar.

No trecho a seguir, o protagonista em "conversa" com Deus debate, em tom de naturalidade, acerca do imprevisível consentimento divino mediante seu incomum pedido.

> — Continuo sem entender Altíssimo...
> — Não foi você que imaginou, na sua reflexão última, que tudo seria diferente caso você nascesse com a mentalidade de um nonagenário, não é isso? Ou entendi errado?
> — Exatamente.
> — Pois sim estou disposto a comprar sua ideia. Você aceita em ser o primeiro cobaia nessa experiência?
> — Mas claro! Teria eu mesmo essa oportunidade?
> — Sim por que não? Afinal a tudo posso, não é assim?
> — Sim, isso mesmo pode sim! — disse com um brilho nos olhos e já bastante empolgado (Barreto, 2021, p. 122).

O mais “existencialista” dos pensadores Jean-Paul Sartre, que além de filósofo era também ficcionista, reconheceu a importância de incluir o fantástico nas narrativas, em especial, as existencialistas. Entende Sartre (2005, p. 140) que as “‘manifestações insólitas’ figurando como ‘condutas normais’, proporcionam o distanciamento do leitor do que se diz, ao mesmo tempo que fazem com que ele se encontre, de golpe, ‘mergulhado no seio do fantástico’”. Nesse contexto, pois, a obra de S. Barretiana se alinha ao pensamento sartreano através de suas manifestações insólitas, perante a habilidade do autor em provocar um deslocamento na percepção do leitor, instigando uma reflexão em meio ao entrelaçamento — muitas das vezes considerável incompatível por uns —, entre a realidade e a fantasia que acabam coabitando harmonicamente em sua obra de forma complementar.

Na literatura universal esse fenômeno pode ser claramente observado quando Franz Kafka “recorreu” ao fantástico quando transformou Gregor Samsa em um “inseto monstruoso”. Da mesma forma ainda, que o brasileiro Murilo Rubião, traz em suas breves narrativas, os mesmos elementos através agora na forma de “dragões humanizados” como numa maneira de provocar transgressão da realidade imposta. Essa estratégia narrativa acaba favorecendo para a provocação de num certo “estranhamento” por parte do leitor através da ampliação a história no plano da abstração e do subjetivismo.

> Não se pode delimitar o fantástico: ou não existe, ou estende-se a todo o universo; é um mundo completo em que as coisas manifestam um pensamento cativo e atormentado, simultaneamente caprichoso e encadeado, que rói secretamente as malhas do mecanismo, sem nunca conseguir exprimir-se (Sartre, 1968, p. 110).

Retomando, portanto, ainda ao conto mencionado de S. Barreto a intenção aqui parece demonstrar como o próprio nome sugere “Uma segunda chance”, uma redenção perante a chance de passar a vida toda sem correr o risco errar novamente, na esperança, ao que parece, de poder usufruir de uma trajetória terrena melhor sem maior percalços. A saga de seu personagem em sair em busca da sua própria individualidade e construção dos próprios valores sob essa condição, sobretudo com relação ao “absurdo” da possibilidade “real” de uma mente de noventa anos abrigado em um corpo de um bebê. Essa condição acabará por expô-lo a situações vexatórias, humilhantes e inimagináveis em sua (des)ventura solitária para preservação da própria sobrevivência mediante da singular escolha.

No cruciante trecho a seguir, assim que finalmente reúne condições para revelar aos pais que não é um “bebê normal” e que tem de seguir a própria vida sob o argumento de não mais poder “perder tempo”, resume bem as “absurdidades” que passará a enfrentar e de como serão seus dias a partir de então.

> Preciso arrumar um lugar para ficar ainda hoje, um lar onde eu possa reinar, e colocar em prática hábitos da minha própria vida. Viverei conforme minha própria consciência sem correr qualquer risco para que uma pessoa qualquer interfira nela. Farei somente o que eu acho que tenha sentido em ser feito efetivamente. Lerei muito e encherei minha casa de livros. É isso que dou valor, o resto é bobagem! Com base nessas condições não há do que reclamar, eu não posso. Talvez seja o homem mais afortunado do mundo. Ou seria o mais mal-aventurado? Quem é que tem a chance de ser livre nessas condições? É, o poder está todo em minhas mãos, cabe a mim no que melhor pensar a fazer. Qual destino e utilidade darei a ele. Bom, isso é o que tenho a dizer por hora. Vocês têm alguma objeção a colocar ou calem-se para sempre?! (Barreto, 2021, p. 147).

Diante de uma liberdade absoluta e irrestrita em todo percurso que passará a enfrentar perceber-se-á a forte presença da supressão de condutas consideradas normais pelo personagem se tornando uma constante. “En fait, nous sommes une liberté qui choisit mais nous ne choisissons pas d’être libres nous sommes condamnés à la liberte [...]”[2] (Sartre, 1943, p. 565). Essa condição vivida demonstra uma certa descrença com a realidade tendo como único norte os objetivos a serem atingidos mesmo com a probabilidade maior de insucesso provocando um certo “desencanto” com as “coisas”, as “pessoas” e o “mundo” ao longo de todo esse percurso vivenciado. “O niilismo é pois o conhecimento do longo *desperdício* da força, a tortura que ocasiona esse ‘em vão’, a incerteza, a falta de oportunidade de se refazer de qualquer maneira que seja, de tranqüilizar-se em relação ao que quer que seja — a vergonha de si mesmo, como se fôramos *ludibriados* por longo tempo” (Nietzsche, 2011, p. 142, grifos originais).

Outro conto de título “O Encarcerado”, escrito em maio de 2019, por sua vez, marca por apresentar uma reflexão existencialista mais visceral, por assim dizer; explorando a “privação de liberdade” e o “sono” como metáforas no sentido de representar a luta interna do indivíduo frente à “autoridade” e à “intimidade”. Num mundo onde o sentido de autoridade é frequentemente cerceado pela hierarquização de estruturas sociais e relacionais, a personagem se vê em um estado de cárcere que é capaz de provocar não só uma “dor” existencial e psicológica, mas, física e fisiológica.

A questão central sobre o que é pior — ser privado da *liberdade* ou de *sono* — leva à indagação sobre as necessidades fundamentais do sujeito em questão. Enquanto a liberdade abrange o direito ao movimento e à escolha; o sono, por sua vez, simboliza a necessidade básica de descanso e recuperação, essencial para a manutenção da sanidade mental e enfretamento das atividades sociais do dia seguinte.

> Estava ele sem a sua tão presada liberdade, e o pior sem respostas para nada! Entretanto, tudo que ele mais queria naquele instante era dormir um pouco ainda que na cama de pedra, como se isso fosse possível, pois sua mente era permanentemente invadida por pensamentos paralisantes de dúvidas, desespero, angústia e frustração todas elas embaralhadas entre si; sem que houvesse entre as mesmas, um mínimo de indício de que elas cessariam por influência, quem sabe, de algum sentimento bom que pudesse lhe resgatar um momento de regozijo, alegria e esperança... talvez tudo que mais precisava ali (Barreto, 2024, p. 56).

[2] Tradução livre da autora: “Na verdade, somos uma liberdade que escolhe, mas não escolhemos ser livres: estamos condenados à liberdade [...]”.

A perseguição incessante de três carcereiros, com personalidades diferentes, que tem como função principal o proíbem de dormir evoca a ideia de uma autoridade opressora que se manifesta não apenas nas instituições legais, mas, também em ambientes íntimos em meio a ideia de punição independentemente de se ter feito algo ou não. *"Exitus acta probat"*.[3] Ao tentar preservar sua individualidade e liberdade de escolha em meio à opressão, a personagem (igualmente sem nominação própria) se confronta com as limitações impostas por suas experiências passadas onde o indivíduo é, muitas das vezes, reduzido a uma mera peça manipulável no contexto do jogo de autoridade e poder.

O filósofo francês Michel Focault, em sua obra "Vigiar e punir" (2009), traz a importantes considerações concernentes a ideia de "poder", "autoridade", "punição", "castigo" e em último e mais grave caso, "tortura".

> A relação castigo-corpo não é idêntica ao que ela era nos suplícios. O corpo encontra-se aí em posição de instrumento ou de intermediário; qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório visa privar o indivíduo de sua liberdade considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem. Segundo essa penalidade, o corpo é colocado num sistema de coação e privação, de obrigações e de interdições. O sofrimento físico, a dor do corpo não são mais os elementos constitutivos da pena. O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos (Foucault, 2009, p. 16).

A experiência de ser mantido acordado à todo custo pode simbolizar, dentre outras, a vigilância constante que o protagonista é obrigado a vivenciar, por parte não apenas de seus carcereiros de forma concreta, mas, também por uma força superior não corporificada. A constante privação do sono — submergindo o prisioneiro um estado de "alerta", "punição" e "vigilância" — revela sob a perspectiva foucaultiana, acerca de pena e punição argumenta que costumes adotados pela modernidade trouxe uma forma de controle social que ultrapassa o mero ato da punição física. Essa noção, de certa forma favorece para instaurar um sistema de constante vigilância, se tornando uma prática de dominação cotidiana, se consumando no controle total não só da mente, mas do corpo do sujeito, podendo ser perpetrado sob ele, tudo o que seu dominador quiser, tal como o personagem vai experimentar no final da narrativa.

"Praticamente no mesmo milésimo de segundo o seu corpo é tomado por uma violenta descarga elétrica. Suas carnes tremem, range os dentes, tentando gritar de dor, mas não consegue. Os tendões do pescoço saltam fora. Ele inclina o corpo levemente para trás, mas quando o carcereiro desliga o aparelho o preso torna a ficar de joelhos como mandara o outro. Vendo que a máquina funcionara, o torturador para" (Barreto, 2024, p. 73-74). Essa passagem confirma que é particularmente pertinente ao conceito abordado, onde o personagem, submetido a uma submissão constante, figura como uma

[3] O termo que tem sua tradução original "o sucesso valida o ato" foi citada a primeira vez na obra "Heróides", do poeta Ovídio (43 a.C. - 17 d.C.). Depois, a frase foi apropriada pelo pensador italiano Nicolau Maquiavel (1469 - 1527) com a tradução: "os fins justificam os meios", portanto, erroneamente sendo atribuída, por muitos, como sendo de sua criação.

forma de forçar uma disciplina coercitiva constante que vai da privação de sono, mas, que levado ao alto grau, pode ser escalado para a tortura corporal.

3 A RECORRÊNCIA DA FINITUDE NOS CONTOS S. BARRETIANOS

Talvez uma das questões mais enigmáticas do pensamento universal gire em torno da ideia de "não existência". Dessa forma, a *morte* e a *finitude* acabam figurando como temas centrais na filosofia existencialista, desafiando as concepções tradicionais de sentido e propósito de vida. Não à toa esse viés irá se tornar uma questão bastante recorrente nos contos s. barretianos, tendo como narrativas mais emblemáticas disso ficando por conta de: "Negociando o Fim", "A viagem", "O último pedido". Ao abordar contos que exploram questões como essas, Barreto nos convida a refletir sobre a eventualidade de não existência, perante a angustiante noção de inevitabilidade do fim e o impacto dessa realidade em nossas escolhas e ações cotidianas.

Assim, a narrativa existencialista nos impõem o questionamento de como a consciência da morte molda nossa existência, instigando um olhar crítico sobre como a coletividade vem conduzindo a mesma. Na narrativa "Negociando o Fim", temos como personagem principal um idoso de nome Antônio que — isolado em um asilo, distante da família em busca de um sentido no fim da vida, amplificado pela vontade de se redimir perante os erros do passado —, almeja passar seus últimos momentos vivenciando "coisas boas" e "simples" da vida como a companhia dos familiares mais próximos.

Sua angústia em ver que pode não concretizar sua última vontade o leva a atitude extrema de "conversar" com aquela "coisa" ou "alguém", que seria a única capaz de atender sua súplica. A atitude em tentar "convencer" a morte no adiamento de seu passamento, por parte do personagem, só é mais uma evidência da recorrência do fantástico em meio a situações absurdistas nos seus contos.

> "Olá, quem está aí?" fala Antônio assustado ao mesmo tempo em que tenta revirar-se na cadeira.
> "Não Antônio! Não sujes sua mente olhando para mim. Recomendo que continue a admirar esse mar e esse lindo pôr do sol que é bem melhor" responde a voz rouca e sofrida, mas imponente. "E como quem está aí? Não vai me dizer que não sentiu, nesses últimos dias, que eu estava chegando."
> "Ah, então é você? Chegou rápido!"
> "Rápido? Pelo que consta o senhor já tem 75 anos de idade."
> "Verdade, verdade. Sente aí vamos conversar."
> "Não posso. Estou com pressa. Ainda tenho muita coisa a fazer pelo mundo. Preciso visitar milhões de pessoas. Nesses tempos finais, tenho tido trabalho redobrado, apesar de vocês homens, facilitarem muito meu trabalho."
> "É mesmo. O mundo está cada vez mais cruel e injusto. E então, o que você quer?"
> "O que eu quero? Preciso responder? Não seja tolo seu Antônio (Barreto, 2023b, p. 141).

Nesta análise em específico, examinaremos como seus contos mergulham na complexidade da finitude, um tema até então somente discutido em âmbito religioso, revelando como a proximidade da morte pode tanto "atormentar" quanto "libertar" os personagens em meio a um constante conflito

mental difícil de cessar. Narrativas como essas abordagens frequentemente retratam a luta do sujeito diante da brevidade da vida, revelando os dilemas morais e existenciais que os protagonistas enfrentam ao se depararem com suas próprias vulnerabilidades. Nesse contexto, a morte surge não apenas como uma certeza premente de fim, mas como um catalisador para a reflexão sobre o que significa viver de forma proveitosa em meio à transitoriedade efêmera da existência.

> De fato, o temor da morte é independente de todo conhecimento: pois o animal o possui, embora não conheça a morte. Tudo o que nasce já o traz consigo ao mundo. Esse temor da morte a priori é, entretanto, justamente apenas o reverso da Vontade de vida, que nós todos somos. Por isso, em cada animal, ao lado do cuidado com sua conservação, é inato o medo diante da própria destruição (Schopenhauer, 2000, p. 62).

Através dessa lente existencialista, somos convidados a refletir como a morte impacta não apenas as escolhas dos personagens de S. Barreto, mas também como essas histórias ecoam na própria vida de quem os ler, convidando seus leitores a questionarem sobre o que realmente deve ser valorizado. Assim, esta análise não se limita a uma mera leitura literária, mas se adentra em uma reflexão profunda sobre temas e implicações filosóficas com relação a própria mortalidade em nossas relações interpessoais. É nesse espaço de tensão entre a *vida* e a *morte* que se encontra a essência da experiência existencial. “Pobrezinho. Toda sua vida foi repleta de paradoxos Antônio. O que lhe fez acreditar que logo agora iria ser diferente? Além disso, jamais poderia me eximir da minha natureza. É justamente isso que faz ser o que sou [...]” (Barreto, 2023b, p. 144).

> A morte é, em última instância, a possibilidade da impossibilidade absoluta da presença. Desse modo, a *morte* desentranha-se como a possibilidade *mais própria irremissível* e *insuperável*. Como tal, ela é uma impendente *privilegiado*. Essa possibilidade existencial funda-se no fato de a presença estar, essencialmente, aberta para si mesma e isso no modo de preceder-a-si-mesma (Heidegger, 2005, p. 32, grifos originais).

Assim a morte, segundo entendimento de Heidegger, como uma etapa crucial e inevitável do ciclo humano, representa a “possibilidade da impossibilidade absoluta da presença”, sugere que a consciência da finitude é o que, paradoxalmente, torna a presença (ou a vida) significativa. Essa “possibilidade mais própria, irremissível e insuperável” indica que a ideia de finitude não é apenas um evento a ser melhor compreendido, mas uma condição que molda a forma como percebemos e conduzimos toda nossa existência, tal como vinha experimentando o protagonista Antônio nos últimos dias de vida.

Nesse sentido, a possibilidade premente de “não vida”, em sua inevitabilidade, serve como um convite à reflexão, instigando-nos a viver de forma plena e consciente, antes que a certeza de não estar presente (pelo menos materialmente em um mundo real) se confirme cabalmente. Essa interpretação revela, assim, a importância da finitude para a formação do sujeito e da sua busca por sentido em um

mundo marcado pela incerteza de futuro. Contudo, a narrativa barretina não tem a capacidade somente de retratar inquietações referente ao "antes" do enfretamento do fim, mas também "depois" dele.

Assim como em "Uma segunda chance", "A viagem", conto que abre seu livro "Discurso Mudos" tem-se o "retorno" do personagem falecido de nome Gaspar, não conformado com sua própria morte, se vale de uma doutrina espiritual, no caso na corrente religiosa chamada espiritismo por meio da não desencarnação; como um meio de continuar usufruindo das benesses da vida em companhia da tão amada família. Essa nova história, também, podendo ser interpretada como uma manifestação do "absurdo", apresenta como conceito central a luta do indivíduo em permanecer vivo, a todo custo, que de certa forma é evidenciada de uma maneira que chega a ser caricata.

Não conformado com a morte, "pensando" que está vivo Gaspar passa a "viver" praticamente em sua casa com sua esposa e filhos (esses sim em vida) como se nada tivesse acontecido. Suas ações como um ser "fantasmagórico" em ligar a televisão, arrastar móveis e retirar jarra de água da geladeira para mesa acaba provocando em sua esposa (a viúva) Marisa momentos de extrema aflição. "Meu Deus, que coisa estranha, como aquilo foi parar naquele lugar? Será se eu ou algum dos meninos somos sonâmbulos? Ou será se estou tendo uma espécie de amnésia; ou pior, teria sido eu acometida por um caso grave de Alzheimer precoce?" (Barreto, 2023c, p. 16).

Esse ânsia por "retorno" pode sugerir que a morte não encerra mediante sanada a busca por compreensão, mas sim provoca uma crise existencial que reverbera nas vidas daqueles também que ficaram passando a experimentar o luto de várias formas. No capítulo "Junto a una tumba" no livro "Discursos edificantes: tres discursos para ocasiones supuestas" (2010), o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard assevera:

> Si es cierto que la muerte existe, como es el caso; si es cierto que todo termina con su decisión; si es cierto que la muerte nunca consiente en dar una explicación: pues, bien, entonces se trata de comprenderse a sí mismo, y la comprensión de la seriedad es que, si la muerte es la noche, entonces la vida es el día, y si no se puede trabajar de noche, entonces se puede trabajar de día; y el breve pero impulsor llamamiento de la seriedad, como el breve llamamiento de la muerte, es: hoy mismo (Kierkegaard, 2010, p. 451).

Essa confusão, portanto, gerada na casa do personagem reflete as rupturas nas relações familiares e a fragilidade das estruturas que sustentam o sentido de unidade e continuidade. A regressão do morto implica uma desestabilização da normalidade, forçando os membros da família a confrontarem não apenas a dor da perda, mas também suas percepções perante ao luto. Essa interação pode servir como um catalisador para a reflexão existencial, obrigando os personagens a questionarem suas convicções e a compreenderem que a morte é, paradoxalmente, uma etapa intrínseca da vida. Tentando lidar com a bizarra situação não resta a Mariza, portanto, "contratar" um *médium* de nome Robson para "conversar" e constatar mesmo se era seu falecido esposo Gaspar que estava mesmo movimentar objetos da casa vindo constantemente acordá-la e seus filhos, em especial, nas

madrugadas. Contudo, apesar do conflito e estranhamento em um primeiro contato, toda questão parece ser resolvida; sobretudo, por parte do dono da casa Gaspar na qual ambos travam uma conversa, em especial, em relação as inquietações do personagem como chefe de família e suas posições acerca de questões espirituais, por assim dizer. Finalmente, através deste, Gaspar acha uma bela oportunidade para desabafar.

> — Isso mesmo Robson, como ia dizendo, desde que nascemos somos assombrados por todos, com aquelas histórias escabrosas sem pé nem cabeça, contada pelos nossos pais, tios, primos e amigos. Desde que o mundo é mundo, a imaginação do povo ovo é fértil. É isso que dá querer explicar o inexplicável. Somente quando o sujeito cresce e amadurece é que vai vendo que tudo isso não passa de um absurdo, um engodo para engabelar os vulneráveis intelectualmente e ludibriar os mais fracos de discernimento. [...] O homem é tão ganancioso, se acha tão importante que não se conforma nem em deixar de existir, com o fim, a escuridão total e eterna. Ele tem ainda de imaginar que ressuscitará nos céus com fontes jorrando mel e ruas de ouro; já outros, por seu turno, acreditam que dormirão num harém de virgens; outros mais, que serão reencarnados em outras pessoas futuramente. Em verdade lhe digo caro Robson, se alguém do passado vive em mim, só tenho a lamentar meu rapaz, pois não deixei esse falecido viver sequer um segundo de minha vida. Vivi toda minha existência intensamente, da forma que me apraz, sem amarras. Cada minuto aproveitei com bastante lucidez, me deliciando cada milésimo de segundo que passava. Por isso, digo e reafirmo, se por ventura, uma alma reencarnada ou uma legião delas vivem em mim, coitadas, se arrependeram drasticamente. [...] Se vier algo depois dessa vida aqui, pra mim será uma tremenda surpresa (Barreto, 2023c, p. 19-20).

"Es cierto que la muerte es un extraño enigma, pero sólo la seriedade puede determinarlo" (Kierkegaard, 2010, p. 460). Além de toda essa algazarra provocada, a presença do sujeito falecido simboliza igualmente a inevitabilidade da angústia existencial que permeia a própria experiência humana; além de explicitar a incerteza sobre o "depois" e a busca incessante de conexão ao que foi vivido antes, mesmo diante certeza que todos, cedo ou tarde, enfrentaremos inevitavelmente a ideia de ausência final.

Dessa forma, a presente narrativa bem como as outras ao entrelaçar elementos de surrealismo e a temática da morte, encoraja o leitor a contemplar seus próprios dilemas existenciais, reforçando a ideia de que a morte não apenas marca o fim, mas também reconfigura e provoca novas dinâmicas no entendimento do ser e da existência não só para quem a enfrenta, mas, para quem está seu ao entorno. Essa análise, portanto, permite observar como a literatura pode ser um reflexo das questões filosóficas existenciais, oferecendo um importante espaço para a reflexão sobre o que significa viver em face da inevitabilidade da morte.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo, portanto, para a conclusão, o que buscamos aqui através deste presente artigo foi evidenciar a profunda intersecção entre filosofia e literatura nas narrativas de S. Barreto, revelando como os temas existencialistas permeiam toda sua obra produzidas até então. Ao explorar a construção de uma realidade muitas vezes dominada pelo absurdo, Barreto não apenas retrata a busca por uma

(re)significação do mundo, mas também oferece aos seus leitores um espelho das angústias e dilemas que orbitam a condição humana contemporânea através das próprias experiências pessoais.

Através das abordagens de pensadores como Heidegger, Nietzsche e Sartre, pudemos observar como as referências filosóficas influenciam a estrutura narrativa e o desenvolvimento psicológico, criando uma tessitura rica em reflexões sobre a existência e a natureza do desespero humano. Assim os contos de S. Barreto arvoram e se revelam como um campo fértil para a discussão do niilismo e outras correntes existencialistas, funcionando como uma crítica incisiva à sociedade moderna e às suas contradições. Evidencia, ainda, como o autor se posiciona em relação aos paradigmas sociais, utilizando o absurdo e o fantástico como ferramentas de constante de reflexão e crítica construtiva.

Por fim, a recorrência da finitude nos contos s. barretianos torna-se um tema central que perpassa toda a análise realizada. Ao confrontar a realidade da morte e do absurdo, Barreto torna-se um mediador entre a literatura e a filosofia, desafiando o público a refletir sobre a complexidade da vida e a inevitabilidade do destino humano. Assim, este estudo não apenas contribui para a compreensão das nuances da obra de S. Barreto, mas também apresenta uma oportunidade valiosa para que os leitores possam, através da literatura, explorar suas próprias existências e a busca por um sentido em meio ao caos implantado pela modernidade deixando uma importante contribuição ao campo acadêmico e social.

REFERÊNCIAS

BARRETO, S. **Absurdidades**. 1ª ed. Cerqueira César: Filos, 2021.

BARRETO, S. **Escandescências: crônicas reunidas.** 1ª ed. São Paulo: Uiclap, 2023a.

BARRETO, S. **O circo e outros contos**. 2ª ed. São Paulo: Uiclap, 2023b.

BARRETO, S. **Discursos Mudos**. 2ª ed. São Paulo: Uiclap, 2023c.

BARRETO, S. **Uma vida perfeita e outros contozinhos.** 2ª ed. São Paulo: Uiclap, 2024.

COLETTE, Jacques. **Existencialismo.** Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Trad. Raquel Ramalhete. 37ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** Parte 2. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2005.

KIERKEGAARD, Søren. **Discursos edificantes: tres discursos para ocasiones supuestas.** Trad. Darío González. Madrid: Trotta Editorial, 2010.

LASO, José L. Gavilanes. **Vergílio Ferreira e o romance existencialista.** Máthesis, n. 6, p. 205-214, 1 jan. 1997.

LOPES, António da Costa. **Existencialismo e Literatura.** Braga: Cenáculo, 1965.

MASSAUD, Moisés. **A criação literária: prosa 1**. 20ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos ou como se Filosofa com o Martelo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de Potência.** Trad. Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2011.

PENHA, João da. **O que é existencialismo.** São Paulo: Brasiliense, 2001.

PONDÉ, Luiz Felipe. **A era do niilismo: notas de tristeza, ceticismo e ironia.** São Paulo: Globo Livros, 2021.

SARTRE, Jean Paul. **L'être et le néant: essai d'ontologie phénoménologique**. 9ª ed. Paris: NFR, 1943.

SARTRE, Jean Paul. **Aminadab, ou do fantástico considerado como uma linguagem.** In: _____. **Situações I**. Trad. Rui Mário Gonçalves. Lisboa: Europa-América, 1968.

SARTRE, Jean Paul. **Diário de uma guerra estranha.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do amor, metafísica da morte.** Trad. Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2000.